



PERFIL DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES OUVIDORES DE VOZES ACOMPANHADAS NOS CAPSi: FAIXA ETÁRIA E SEXO

PAULA SHAKIRA ARAUJO PEREIRA¹; CLARISSA DE SOUZA CARDOSO²;
KARINE LANGMANTEL SILVEIRA³; LARISSA SILVA DE BORBA⁴; MICHELE
MANDAGARÁ DE OLIVEIRA⁵; VALÉRIA CRISTINA CHRISTELLO COIMBRA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – paulinha.fi@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas 2 – cissacardoso@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas 3 – kaa_langmantel@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas 4 – borbalarissa22@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas 5 – mandagara@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas 6 – valeriacoimbra@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ouvir vozes que ninguém mais escuta na infância e adolescência pode ser percebido como um evento assustador, muitas vezes associado a algum transtorno mental. No entanto, com o Movimento de Ouvidores de Vozes o fenômeno ouvir vozes recebeu outro conceito, desconstruindo o processo do saber psiquiatrizante, não mais considerado um sinal de transtorno mental e sim uma característica subjetiva da pessoa (FERNANDES, 2017).

Um estudo epidemiológico constatou que 8% das crianças ouvem vozes pelo menos uma vez na vida e desses um terço acaba recebendo algum diagnóstico de transtorno mental. O mesmo estudo apontou que 60% das crianças deixam de ouvir vozes quando aprendem a lidar com as mesmas (ROMME; ESCHER, 2012).

De acordo com a metanálise de MAIJER *et al*, (2018) a faixa etária que mais escuta vozes são as crianças e os adolescentes com prevalência de 12,7% e 12,4%, respectivamente, enquanto os adultos é de 5,8% e idosos 4,5%. A faixa etária pode influenciar na experiência de ouvir vozes bem como o sexo, pois conforme LOBERG *et al* (2019), quanto maior a idade e o sexo feminino, maior a tendência da experiência ser mais negativa quando comparado ao sexo masculino e a idade mais jovem. Em geral as crianças percebem as vozes de forma natural (CARDOSO *et al*, 2018).

O início das vozes está associado a algum evento traumático, pode estar atribuído a algum problema emocional que a criança ou adolescente esteja enfrentando e que não está conseguindo lidar, assim a voz surge como uma forma de mensagem indicando que algo não está certo ou melhor que algo precisa ser resolvido (ESCHER, 2017). Por isso é fundamental conhecer o ouvindo de voz, desde o perfil até os sentimentos internos, para assim conseguir pensar em maneiras de auxiliá-los, abordando conforme a idade.

Assim, considerando a importância de identificar qual faixa etária entre as crianças e adolescentes e o sexo que está mais predisposto a ouvir vozes, este estudo tem como objetivo: Descrever as faixas etárias e o sexo das crianças e adolescentes ouvindo de vozes que frequentam o CAPSi.



2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal com abordagem quantitativa. Os dados são um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso com informações oriundas de uma pesquisa maior intitulada “Avaliação dos Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil do Rio Grande do Sul (CAPSi-RS)”, a qual foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem sob o parecer de nº 3.023.338 e financiada pelo CNPq na faixa B.

Este estudo utiliza dados coletados em 19 CAPSi municipais do Rio Grande do Sul (RS) no período de dezembro de 2018 a março de 2020. Os participantes são crianças e adolescentes entre 06 anos a 18 anos de idade que são acompanhados pelo CAPSi e que afirmaram ouvir vozes. A coleta de dados se deu através de um questionário geral para crianças e adolescentes usuárias do CAPSi, os mesmos utilizados na pesquisa do CAPSUL I e II em 2006 e 2010, e com a permissão dos coordenadores foram adaptados para a realidade dos CAPSi. As variáveis selecionadas para análise deste estudo foram: sexo (masculino; feminino), faixa etária (criança de 06 a 11 anos; adolescentes de 12 a 18 anos), se escuta vozes que ninguém mais escuta (sim; não). Este estudo analisa os dados só de quem afirmou ouvir vozes.

Os dados foram digitados no Gerenciador de banco de dados do Microsoft Access e após exportados para o software Stata para análise estatística. Foi utilizado o software Epi-info 7.0 para o cálculo da amostra. Estima-se margem de erro de 3%.

Todos os princípios éticos e legais foram respeitados de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde 466/2012 (2012) e também a Resolução 564/2017 sobre o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem (COFEN, 2017). Foi assegurado aos participantes do estudo e seus responsáveis o conhecimento sobre o objetivo do estudo e o direito do anonimato, em virtude do grupo de interesse ser composto por crianças e adolescentes foi utilizado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e aos responsáveis à assinatura do Termo de Consentimento Livre e esclarecido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra deste estudo é composta por 134 participantes que afirmaram ouvir vozes que ninguém mais escuta com idades entre 06 a 18 anos de idade. Destes, a maioria é do sexo feminino 56,7% (76) e faixa etária entre 12 a 18 anos de idade 59,0% (79), conforme a Tabela 1.

Tabela 1- Sexo e Faixa Etária dos Participantes Ouvidores de Vozes

Características	Total n (%)
Sexo	
Femino	76 (56,7%)
Masculino	58 (43,3%)
Faixa etária	
Criança de 06 a 11 anos	55 (41,0%)
Adolescente entre 12 a 18 anos	79 (59,0%)



Neste estudo observa-se o predomínio do sexo feminino quando comparado ao sexo masculino. Este dado corrobora com o estudo de MAIJER, PALMEN e SOMMER (2017), o qual foi realizado com 95 crianças que escutam vozes, o qual aponta que 66,3 % são do sexo feminino. Na pesquisa de PARRY e VARESE (2020) também aponta que a maioria dos que ouvintes de vozes eram do sexo feminino, apenas 25% eram do sexo masculino e 14% não binário.

O estudo de COUTO e KANTORSKI (2020) realizado com adultos também afirma o predomínio do sexo feminino para ouvir vozes comparadas ao sexo masculino. As mesmas autoras sugerem que a relação entre a escuta de vozes e o sexo feminino pode estar associado as diferenças físicas e hormonais, bem como o papel social da mulher, o qual está submetido socialmente a padrões comportamentais, e isso muitas vezes causa desgaste e sofrimento na mulher.

Outro dado importante neste estudo é com relação a faixa etária com o predomínio dos adolescentes de 12 a 18 anos de idade. Este dado pode ser explicado porque a adolescência é caracterizada por diversas mudanças físicas, hormonais e sociais, e isso pode desestabilizar o adolescente, causando muitas vezes sentimentos desagradáveis e até sofrimento psíquico (OMS, 2018).

No entanto, no estudo de KELLEHER *et al.*, (2012) aponta dados diferentes, referindo predomínio da escuta de vozes entre as crianças com prevalência de 17%, enquanto para os adolescente 7,5%. Na meta-análise de MAIJER *et al.*, (2018) aponta prevalência de 12,7% da escuta de vozes para crianças e 12,4% para os adolescentes. Os autores referem que esta experiência é transitória e tende a diminuir com a avançar da idade.

O início das vozes na infância causa menos confusão se comparado na adolescência, o qual pode ser explicado devido às diversas mudanças hormonais, físicas, emocionais e sociais (OMS, 2018, CARDOSO *et al.*, 2018). O estudo de LOBERG *et al.*, (2019) refere que o sexo masculino e a idade mais jovem são fatores que influenciam na percepção de vozes menos angustiantes quando comparadas ao sexo feminino e a idade. Por isso é importante conhecer o perfil dos ouvintes de vozes, visto que a idade e o sexo influenciam na experiência de ouvir vozes.

4. CONCLUSÕES

Este estudo demonstra a importância de conhecer a faixa etária e sexo das crianças e adolescentes ouvintes de vozes, visto que estes são fatores que podem influenciar na escuta de vozes. Diante disso, espera-se que os resultados deste estudo possam contribuir para as reflexões acerca da escuta de vozes na infância e adolescência, compreendendo esse fenômeno como uma experiência subjetiva da pessoa.

Também é fundamental conhecer o perfil dos ouvintes para pensar em novas abordagens de cuidado, uma vez que, quanto mais conhecimento e esclarecimento sobre a temática e o ouvinte melhoram a capacidade dos profissionais da saúde em lidar com este público e familiares. Que este estudo possa potencializar novas propostas de estudo sobre esta temática.

Como limitação deste estudo, cabe destacar o número pequeno de participantes, além da estrutura do instrumento com relação à questão de identificar a idade que os participantes começaram a ouvir vozes.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012:** Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde. 2012.

CARDOSO, CS. PEREIRA, VR; OLIVEIRA, NA; COIMBRA, VCC. A escuta de vozes na infância: uma revisão integrativa. **J. Nurs. Helth.** 2018;8 (n.esp):e188413.

COFEN, **Resolução COFEN Nº 564/2017.** Aprova o novo Código de Ética dos profissionais de Enfermagem. 2017.

COUTO, M.L.O.; KANTORSKI, L.P. Ouvidores de vozes de um serviço de saúde mental: características das vozes e estratégias de enfrentamento. **Psicologia & Sociedade.** Belo Horizonte, v. 32, p.1-18. 2020.

ESCHER,S. **Não entre em pânico se seu filho ouve vozes.** Holanda. Arquivo disponível e traduzido: Centro Educacional de Novas Abordagens Terapêuticas(CENAT). 2017. 7p.

FERNANDES, H.C.D. **Escutar vozes:** da qualificação da experiência ao cuidado na clínica em saúde mental. 2017, 115p. Dissertação. Instituto de Psicologia Clínica. Universidade de Brasília. Brasília-DF. 2017.

KELLEHER, I.; CONNOR, D.; CLARKE, M.C.; DEVLIN, N.; HARLEY, M.; CANNON, M. Prevalence of psychotic symptoms in childhood and adolescence: a systematic review and meta-analysis of population-based studies. **Psychological Medicine.** v.42, n. 9, p.1857–1863. 2012.

LØBERG, E. M.; GJESTAD, R.; POSSERUD, M. B.; KOMPUS, K.; LUNDERVOLD, A. J. Psychosocial characteristics differentiate non-distressing and distressing voices in 10,346 adolescents. **European child & adolescent psychiatry**, v.28, n.10, p. 1353-1363. 2019.

MAIJER, K.; PALMEN, S.J.M.C.; SOMMER, I.E.C. Children seeking help for auditory verbal hallucinations; who are they? **Schizophrenia Research**, v.183, p. 31-35, 2017.

MAIJER, K.; BEGEMANN, M.J.H.; PALMEN, S.; LEUCHT, S.; SOMMER, I.E.C. Auditory hallucinations across the lifespan: a systematic review and meta-analysis. **Psychological Medicine**, v.48, n.6, p. 879-888. 2018.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde. Folha informática: **Saúde mental dos Adolescentes** (site). 2018.

PARRY, S.; VARESE, F. Whispers, echoes, friends and fears: forms and functions of voice-hearing in adolescence. **Child and Adolescent Mental Health.** 2020.

ROMME, M.; ESCHER,S. **Psychosis as a Personal Crisis: An experience-based approach.** London: Routledge. 2012.